

RESENHA

JACOBS, Alan. *The Pleasures of Reading in an Age of Distraction*. New York: Oxford, 2011. 162 p.

Resenhado por *André Carlos Moraesⁱ*
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A questão da leitura, nas sociedades atuais e especialmente para as novas gerações, tem motivado debate acadêmico e preocupação em várias instâncias dentro e fora dos meios teóricos. Uma pergunta recorrente de estudiosos e professores é se ainda é possível conquistar a atenção de novos leitores para o livro, tradicional forma de registro do conhecimento, essencial para a construção da cultura pelo menos nos últimos 500 anos. Precisamente este é o ponto ao qual se dedica *The Pleasures of Reading in an Age of Distraction*, misto de ensaio e guia escrito pelo professor norte-americano de literatura inglesa Alan Jacobs, do Wheaton College, Illinois.

O livro se propõe a ser uma versão mais crítica e menos dogmática dos antigos livros que ensinavam as pessoas a ler literatura – um subgênero muito particular do livro didático que não chegou a ter tanta tradição no Brasil quanto nos Estados Unidos e Inglaterra, sociedades que historicamente sempre foram fortemente ligadas ao livro, às vezes por motivos religiosos. Jacobs cita especialmente um autor famoso desta vertente, Charles Van Doren, autor de *How to Read a Book*. Mas o livro não é só um compêndio de autoajuda. Ele discute, às vezes em profundidade, a maneira como os meios eletrônicos, as redes sociais e a vida moderna podem competir ou até afogar o hábito solitário da leitura.

O autor comenta e discute a teoria de Nicholas Carr, apresentada na obra *The Shallows* (publicada no Brasil como *A Geração Superficial*), de que a Internet tem a capacidade de ativar a plasticidade do cérebro, reconectando circuitos neuronais e induzindo a um gênero de leitura necessariamente superficial, em oposição ao esforço concentrado e de foco único que caracteriza a leitura do livro. Apesar de reconhecer que Carr expõe um problema verossímil, Jacobs não compartilha de seu pessimismo e desenvolve isto em um apanhado com raízes tanto na crítica literária quanto na história da leitura.

Um dos pontos principais defendidos pelo autor é o das motivações para leitura. Como professor, ele questiona até que ponto o sistema de indicação de leituras (depois cobradas através de provas ou trabalhos) não termina induzindo

os alunos a um tipo de relação com os livros que sempre tem o objetivo de cumprir tarefas e memorizar passagens para utilização em exames. É o que ele chama de “leitura upload”, experiência quase inevitável para o estudante que termina encarando a leitura de livros apenas como um meio de carregar informação para dentro do cérebro.

Em vista disto, Jacobs é bastante crítico em relação aos autores que tenham noções dogmáticas sobre o que é bom e o que é ruim em matéria de livros. Cita como uma referência negativa, em especial, o crítico conservador Harold Bloom, em cuja obra vê uma nítida tendência à identificação com a literatura de elite, com uma sistemática hostilidade em relação aos títulos populares. Dentro deste espírito, o autor defende a leitura por descoberta (“serendipity”) e à vontade (“whim”). Ele não utiliza o termo nem faz a referência, mas de certa forma se alinha com a escola francesa, representada por Roger Chartier e outros historiadores, que destaca a importância de que se compreenda a apropriação dos textos por parte dos leitores.

Jacobs encerra o livro apontando que nós, leitores de livros, estamos em número inferior em relação aos que não leem (“outnumbered” é o termo que usa em inglês, com uma conotação levemente militar), mas que isso sempre foi assim ao longo da História. Ele compara os leitores a uma tribo espalhada no tempo e no espaço, que sempre pode encontrar novos integrantes. “E que possa nossa tribo aumentar”, conclui.

Jacobs também comenta, ao longo do livro, suas experiências com tecnologias novas de leitura. Embora confesse ter pessoalmente reservas em relação aos livros no computador, considera que reencontrou sua capacidade de concentração graças ao Kindle. Ele considera a tecnologia desta geração de dispositivos leitores (que incluem o Sony Reader, o Nook e os brasileiros Kobo e Positivo Alfa) facilita a leitura intensiva e dedicada, o que não acontecia com outros dispositivos que estimulavam a dispersão da atenção (como é o caso, embora ele não mencione explicitamente, dos tablets).

The Pleasures of Reading in an Age of Distraction não é uma obra teórica ou estritamente acadêmica, mas é uma leitura útil tanto para pesquisadores quanto entusiastas pelo mundo dos livros, já que se reporta a questões que fundamentam problemas de pesquisa e também inquietações de educadores. Sobretudo, Alan Jacobs é um leitor veterano e apaixonado, com a visão privilegiada de um professor acostumado a observar a dificuldade de aproximar novas gerações das obras que construíram nosso passado cultural e, em grande parte, influenciarão nosso futuro. Com um olho nas discussões do nível mais erudito e outro no cotidiano empírico e prático, é uma obra que diverte e instiga. Enquanto texto,

faz, inclusive, jus ao seu título. É, em si mesma, um pequeno e saboroso prazer de leitura – nesta era efetivamente repleta de distrações.

ⁱ E-mail do autor: andrecmoraes@uol.com.br